



**Marque a opção do tipo de trabalho que está inscrevendo:**

**Resumo**

**Relato de Caso**

## **TRABALHANDO COM A VIOLÊNCIA: RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA**

**AUTOR PRINCIPAL:** Carolina Jainara Lavall Zandoná

**CO-AUTORES:** Aline Rottini; Carla Maria Ventura Tarasconi; Ciomara Benincá; Mirna Nicolai Branco.

**ORIENTADOR:** Carla Maria Ventura Tarasconi

**UNIVERSIDADE:** Universidade de Passo Fundo

### **INTRODUÇÃO**

Este trabalho descreve ações extensionistas do CEPAVI Clínica de Estudos, Prevenção e Acompanhamento em Situações de Violência/Curso de Psicologia/UPF, focado na profilaxia, prevenção e terapêutica da violência, envolvendo professores (3) e acadêmicos (25). Sediado no Campus III, oferece à comunidade um serviço especializado em situações de violência atendendo as demandas institucionais e comunitárias por intervenções e práticas desta natureza. Nesse sentido, possui várias formas, além, dos mais variados destinos dependendo de como se coloca na vida dos sujeitos. Contudo, a situação se agrava quando se trata de uma violência destrutiva, que permeiam as relações familiares e atingem de modo impactante de crianças e adolescentes. Trata-se de uma experiência teórico/prática, realizada no primeiro semestre de 2015, numa instituição escolar de Passo Fundo, justificado na medida em que se propõe trabalhar questões relacionadas com a violência, visando ações de prevenção e intervenção.

### **DESENVOLVIMENTO:**

As estratégias são predominantemente grupais e desenvolvidas mediante solicitação institucional, envolvendo crianças e adolescentes a fim de promover a saúde mental e fomentar a aprendizagem e a reflexão sobre o assunto na comunidade escolar. A violência é um fenômeno social e humano. Ela se faz presente nos modos de contato uns com os outros, na maneira como se estabelecem as relações e, mesmo é inerente ao processo de humanização (COSTA, 1986). Assim, com o intuito de realizar ações de prevenção e de intervenção no contexto da violência, este relato foi derivado do trabalho com púberes e adolescentes do sexo feminino em uma instituição escolar de Passo Fundo, no turno inverso ao horário escolar. Atividades grupais foram conduzidas, um de meninas de 11-12 anos, e o outro de 13-14 anos, em média 12 componentes cada grupo, semanalmente, com duração de aproximadamente 50 minutos. As atividades eram acompanhadas

pela realização de reuniões com a equipe diretiva e supervisão, a fim de contribuir com o planejamento, acompanhamento e avaliação das ações desenvolvidas.

A proposta era de grupos de socialização, com a metodologia do grupo operativo, que segundo Bastos (2010) é um instrumento de transformação da realidade, onde por meio de tarefas, os integrantes do grupo passam a construir nas relações grupais novas possibilidades de pensar e criar.

Desde os primeiros encontros emergiram dificuldades de manejo com o grupo, o que permitiu observar os modos de relação que as integrantes estabeleciam umas com as outras, com a instituição e com as coordenadoras do grupo. Surgiram resistências e ataques, tanto explícitos como implícitos, por meio de negação de participar, do envolvimento em outras atividades no momento do grupo, da dificuldade de escuta, e mesmo, restringindo o contato visual, negando a presença das coordenadoras. Entendendo a resistência como tudo o que em atos e palavras faz-se obstáculo ao progresso da atividade, surgindo nos aspectos onde há dor e conflito (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001), tais ataques de forma ativa evidenciavam situações que estas vivenciam em outros âmbitos de forma passiva, assim, atuavam ativamente em outros contextos, o que sofrem passivamente no âmbito familiar.

Tais situações demandavam constantes readaptações do manejo, do espaço físico e da proposta. Passou-se então a introduzir de forma direta temas referentes à violência, para impactar o grupo e mobilizar o trabalho. Assim, com a metodologia do grupo operativo, com imagens, depoimentos, dramatizações e músicas, para trabalhar temas que perpassavam desde âmbitos distantes – a violência social - até questões subjetivas, como a violência familiar, no espaço escolar, nas relações e situações vivenciadas. Além disso, trabalharam-se os conceitos de violência e agressividade, os tipos de violência e as formas de prevenção e atendimento. Sempre como cuidado em não incitar aprofundamentos em situações particulares, mas, generalizar, retirar do pessoal e pensar na situação.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

A violência e a agressividade são aspectos inerentes no ser humano, estando quase que onipresente em seu cotidiano. Contudo, muitas vezes, ela extrapola questões de saúde e produz efeitos de destruição subjetiva no sujeitos. Nesse sentido, propiciar um espaço de escuta e simbolização de situações vivenciadas é essencial para a uma intervenção e prevenção no contexto de violência.

### **REFERÊNCIAS**

COSTA, Jurandir Freire. Violência e Psicanálise. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2º ed., 1986).

BASTOS, Alice Beatriz B. I. A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon. Rev. **Psicólogo informação**, ano 14, n, 14 jan./dez. 2010. Disponível em: <http://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/PINFOR/article/viewFile/2348/2334>. Acesso em: 12/09/2015.

LAPLANCHE, Jean. Vocabulário de Psicanálise/ Laplanche e Pontalis. 4º ed, São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HABIGZANG, Luísa F., et al. Grupoterapia cognitivo-comportamental para meninas vítimas de abuso sexual: descrição de um modelo de intervenção. Rev. PSICOLOGIA CLÍNICA, Rio de Janeiro, vol.18, n.2, p.163 – 182, 2006.